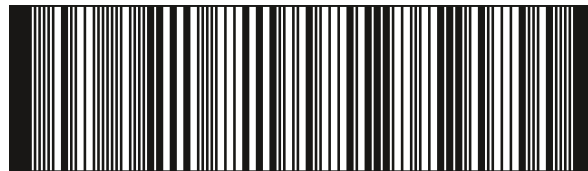


Gianne
Maria

Montedônio
**CHAGASTE
LLES**



[B2025-[P.G/s.s]]



Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil,
giannemmc1966@gmail.com



**A ARENA CULTURAL DA COMUNIDADE DA MARÉ NO
RIO DE JANEIRO COMO LUGAR DE MEMÓRIA: NAR-
RATIVAS CONTRA-HEGEMÔNICAS, RESISTÊNCIA E
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**



**THE CULTURAL ARENA OF THE MARÉ COMMU-
NITY IN RIO DE JANEIRO AS A PLACE OF MEMORY:
COUNTER-HEGEMONIC NARRATIVES, RESISTAN-
CE AND SOCIAL TRANSFORMATION**

Resumo: O presente artigo problematiza a importância da leitura dos lugares de memória, conforme formulada por Pierre Nora (1993), enquanto espaços materiais e simbólicos, nos quais a história ensinada é representada por meio de documentos/monumentos escolhidos pelos estudantes de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A Lona Cultural Herbert Vianna, atual Areninha Cultural da Maré, foi e ainda é, para Larissa Cunha, estudante entrevistada pela autora do artigo, um lugar semeador de muitas memórias. Os registros fotográficos feitos por ela, juntamente com as entrevistas, fazem parte do corpus documental e marcam o caminho que antes era ordinário, mas que neste exercício de (re)perceber o monumento reconhece o quanto a História se faz viva nos trajetos cotidianos e nos espaços informais de educação e cultura.

Palavras-chave: Favela da Maré; Rio de Janeiro; narrativas autobiográficas; lugar de memória; Arena Cultural.

Abstract: This article aims to problematize the importance of reading the sites of memory as formulated by Pierre Nora (1993) as material and symbolic spaces in which the history taught is represented through documents and/or monuments chosen by the Visual Arts students at the Rio de Janeiro State University (UERJ). The “Herbert Vianna Cultural Tent”, currently known as “Mare Small Cultural Arena” (also known as “Areninha Cultural”), has been part of the interviewed student Larissa Cunha’s history as well as her memories. Her photographic records, as well as her interviews, are included in the documental corpus and show us how ordinary daily things can turn informal educational and cultural places into living historical moments.

Keywords: Favela da Mare; Rio de Janeiro; Autobiographical Narratives; Sites of Memory; Cultural Arena.

1.Introdução

Este artigo discute a relevância da leitura dos lugares de memória, conforme a concepção de Nora (1993), considerando-os tanto como espaços físicos quanto simbólicos, nos quais a história ensinada é representada. Este texto é fruto do diálogo entre pesquisa e ensino, pois parte do trabalho realizado em sala de aula com os estudantes da Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e faz parte da pesquisa de Pós-doutorado que realizo no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, com estágio no Instituto de Comunicação da Universidade Nova de Lisboa.

O Complexo da Maré no Rio de Janeiro é um espaço periférico da cidade, onde a “Lona Cultural Herbert Vianna”, atual “Areninha Cultural da Maré”, foi e ainda é para a estudante e entrevistada, em 19 de outubro de 2024, Larissa F. Cunha¹⁾, um lugar semeador de muitas memórias. Além de manter “viva as tradições do próprio território” (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024), a Areninha é um dos espaços da Favela da Maré no Rio de Janeiro, em que a arte, cultura e lazer ofertados, sobretudo, às crianças e aos jovens, são meios de acompanhar o amadurecimento daqueles que (per)correm o local. No caso de Larissa F. Cunha, a jovem viu a Areninha se tornar “um espaço atemporal de gerações para os próprios moradores”, e sobretudo, de resistência e transformação social.

¹⁾ Entrevista concedida à autora Gianne Maria Montedônio Chagastelles como parte da pesquisa de Pós-doutorado em História no PPGH/UFF, ligada ao Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI), em 2024-2026, sob a supervisão da Profa. Dra. Ana Maria Mauad.

As fotografias, juntamente com as entrevistas realizadas, compõem o *corpus documental* desta pesquisa. No que se refere à história oral, as entrevistas adquirem um papel central na construção do material de análise. Arfuch (2010) explora detalhadamente as diversas formas tradicionais de narrar a própria vida – como memórias, diários e correspondências – e aponta a emergência de novas formas autobiográficas na contemporaneidade, destacando a entrevista como a mais significativa. Para a autora, esse formato condensa as características do tempo presente: a busca por realidade, a valorização da autenticidade, a transmissão "ao vivo" e a inserção na intimidade do cotidiano.

Além das entrevistas, as fotografias contribuíram para ressignificar o espaço urbano. Aquilo que antes era comum à comunidade e à cidade passa a ser percebido como um documento vivo da história, e suas diferentes dimensões se manifestam nos percursos diários no Complexo da Maré.

2. Estudo de caso: a Areninha da Maré como lugar de memória

Larissa F. Cunha nasceu em 1999, viu a Areninha Cultural surgir em 2009 e se desenvolver paralelamente a ela própria. O “som das aves (quase sempre Maritacas), das crianças brincando e correndo e o cheiro de cafezinho fresco” (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024), são algumas das lembranças de infância que se misturam ao que vive hoje, pois atua como mobilizadora e educadora no local que conhece como a palma de sua mão.

Além de manter vivas as tradições do próprio território, a Areninha é um dos espaços da Favela da Maré no Rio de Janeiro, no Brasil, em que L. F. Cunha acredita que a arte, a cultura e o lazer ofertados, sobretudo, às crianças e aos jovens, são meios de acompanhar o amadurecimento daqueles que (per)correm os quatro cantos do local. A entrevistada viu a Areninha se tornar “um espaço atemporal de gerações para os próprios moradores” (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024), e um espaço de resistência e transformação social. Para ela, fazer parte desse equipamento cultural é retribuir ao seu território e atuar diretamente para que os próximos mareenses também tenham orgulho de suas origens. Os registros fotográficos, juntamente com as entrevistas, fazem parte do *corpus documental* e marcam o caminho que antes era ordinário, mas que neste exercício de (re)perceber o monumento passa a reconhecer o quanto a História se faz viva nos trajetos cotidianos e nos espaços informais de educação e cultura.

L. F. Cunha escolheu este lugar de memória, devido à sua trajetória de vida, pois foi uma criança, assim como outras tantas da Maré, que frequentou o espaço e teve muitas possibilidades de desenvolver afetos e transformar sua subjetividade através deste espaço, o que a entrevistada denomina de “oportunidade de vida”.

Pela pessoa que a Areninha me tornou, que me ajudou a ser, eu acho que pela minha trajetória de vida, eu tenho muita memória da minha infância dentro da Areninha [...] até hoje é presente na minha vida. É um espaço que hoje em dia estou ajudando a construir, sabe? É o espaço que vai te ajudar a sair dessa bolha da favela (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024).

Percebe-se que o tempo do afeto e da memória desse espaço é, para L. F. Cunha, o tempo espiralar, o *ritornello* de sua infância, a lembrança de seus antepassados e de pessoas que a marcaram afetivamente na convivência na Areninha. Dialogando com Martins (2021) sobre o conceito de tempo espiralar, percebe-se que o tempo é uma paisagem habitada pelas infâncias do corpo, uma andança anterior à progressão, um modo de predispor os seres no cosmos. A autora lembra que tais manifestações culturais expressam a visão de uma época que matiza as sociedades e os sujeitos que ali se constituem. Para Martins (2021), pensar o tempo de forma espiralar é perceber os movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção. Trata-se de um tempo não linear, descontínuo, contração e descontração, simultaneidade de passado, presente e futuro, que tem como experiência básica o corpo em movimento. Escreve a autora sobre o tempo como *ritornello*: “Disperso em uma espacialidade rítmica [...], o discurso poético pressupõe recorrências, ressonâncias, voltas, regimes de ciclos, procedimentos de retornos, simultaneidade de vários tempos e sua reversibilidade” (Martins, 2021, pp. 30-31).

Em relação ao espaço, L. F. Cunha explica que, antes de ser Areninha Cultural, o espaço era uma Lona Cultural.²⁾ A Lona Cultural foi inaugurada em 2005, e depois foi reinaugurada recentemente como Areninha. Esta transformação ocorreu através de um edital da Prefeitura do Rio de Janeiro, para que todas as Lonas se tornassem Areninhas. “E das histórias das Lonas Culturais, a Areninha da Maré é a única que fica dentro de favela, né. E que tem um funcionamento a partir da necessidade do território, né” (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024). A Areninha situa-se entre duas regiões da Maré, segundo a entrevistada, comandadas por facções diferentes, na divisa entre a Baixa do Sapateiro e a Nova Holanda.

Então, ela fica localizada bem no meio de uma divisa mesmo. Então, são duas facções diferentes dentro do território da Maré, né. A Areninha, ela fica no espaço que é o Terceiro Comando. E aí, o outro lado, tipo a outra rua, a outra calçada, já é outra facção, que é a Nova Holanda, que é o Comando Vermelho. Então, geralmente, ali na divisa, tinha muita troca de tiro, né. É um valão, assim, que divide um território do outro. A gente ressignificou muito esse lugar de divisa. Não tem mais trocas de tiro, porque a Areninha também promoveu uma praça ali, né. Então, automaticamente, os meninos do tráfico têm um entendimento de que, pô, ali tem muitas crianças, não tem como fazer trocação de tiro ali naquele local. [...] a gente construiu uma praça né, que é a Praça da Paz. A gente fez um memorial com as pessoas que morreram dentro da favela, dentro da Maré (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024).

²⁾ A principal diferença entre a Lona Cultural e a Areninha Cultural na Maré é que a Lona Cultural era um espaço mais simples com menos recursos, com estrutura de tenda que funcionava como palco e ponto de encontro para atividades artísticas, enquanto a Areninha Cultural – resultado da transformação dessa Lona no âmbito do programa de requalificação de equipamentos culturais da Prefeitura do Rio – é uma estrutura mais robusta, com prédio fixo, isolamento termoacústico, climatização e acessibilidade ampliada, oferecendo um ambiente mais confortável e inclusivo para espetáculos, cursos, oficinas, biblioteca e uso comunitário, de acordo com a Prefeitura do Rio de Janeiro (2026).

O Memorial dos Mortos da Maré, localizado na Praça da Paz, no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, constitui-se como um espaço simbólico de memória coletiva, denúncia política e elaboração do luto diante da violência armada que atravessa historicamente as favelas cariocas. Criado a partir da mobilização de moradores e organizações locais, especialmente a Redes da Maré, o memorial emerge como resposta às sucessivas mortes decorrentes de operações policiais e confrontos armados no território, marcados pela precarização da vida e pela naturalização da violência de Estado nas periferias urbanas. A criação do memorial está ligada ao histórico de violência estrutural vivido nas 15 favelas da Maré. Desde 2016, o projeto “De Olho na Maré”, desenvolvido pela Redes da Maré (2026), monitora operações policiais, confrontos armados e violações de direitos humanos na região. Os dados produzidos por esse monitoramento demonstram a dimensão do impacto da política de segurança pública sobre a vida cotidiana dos moradores. Entre 2016 e 2025, por exemplo, foram registradas 231 operações policiais e 160 mortes no território.

Mais do que um monumento comemorativo, o espaço foi concebido como um território vivo de rememoração das vítimas, no qual a memória individual das pessoas assassinadas é continuamente reinscrita na experiência coletiva da comunidade. A Praça da Paz transforma-se, assim, em um lugar de permanência da memória social, onde nomes, histórias e trajetórias de vida deixam de ocupar a condição de anonimato estatístico para adquirir visibilidade pública e reconhecimento político. Nesse sentido, o memorial pode ser compreendido a partir da noção de “lugares de memória”, formulada por Nora (1993), para quem tais espaços surgem quando os meios tradicionais de transmissão da memória entram em processo de desaparecimento, tornando necessária a criação de marcos materiais, simbólicos e funcionais capazes de preservar vestígios do passado e produzir pertencimento coletivo. Segundo Nora, os lugares de memória são espaços nos quais “a memória se cristaliza e se refugia” (Nora, 1993, p. 12), configurando-se como dispositivos que articulam simultaneamente história, afetividade e identidade social.

A dimensão espacial e política do memorial também pode ser analisada à luz do conceito foucaultiano de heterotopia. Em “Outros espaços”, Foucault (2001) define as heterotopias como espaços reais que funcionam como contraposicionamentos simbólicos à organização dominante da sociedade, reunindo múltiplas temporalidades, práticas e sentidos em uma espacialidade distinta daquela regulada pelas normas hegemônicas. A Praça da Paz, assim como a Areinha, constitui-se como uma heterotopia de resistência, pois instaura, no interior da cidade marcada por políticas de segregação e controle, um espaço outro voltado à preservação da vida, da memória e da dignidade dos moradores da favela. Diferentemente das representações midiáticas e institucionais que frequentemente associam a Maré à violência e à criminalidade, o memorial produz uma inversão simbólica do território ao afirmar a centralidade da experiência humana e da memória comunitária. O espaço passa a reunir simultaneamente memória, dor, denúncia, convivência e esperança, articulando temporalidades distintas entre o passado traumático das perdas, o presente das lutas sociais e a projeção de futuros possíveis. Trata-se, portanto, de uma espacialidade contra-hegemônica, que ressignifica o espaço público por meio de práticas coletivas de pertencimento e resistência.

As práticas de cuidado desenvolvidas na Praça da Paz reforçam essa dimensão heterotópica e memorialística do espaço. O cuidado não se restringe à manutenção física da praça, mas manifesta-se em ações comunitárias de elaboração simbólica do luto, como vigílias, homenagens às vítimas, rodas de conversa, intervenções artísticas,

atividades culturais com crianças e jovens e encontros sobre direitos humanos e segurança pública. Essas práticas cotidianas transformam o espaço público em território de afeto, memória e mobilização política, produzindo formas alternativas de ocupação urbana diante das políticas de abandono e militarização das periferias. O memorial assume, desse modo, uma importante função pedagógica e política ao promover debates sobre racismo estrutural, violência de Estado e direito à cidade, tornando-se um espaço de formação crítica para os moradores da Maré e para a sociedade em geral. Ao inscrever a memória das vítimas no espaço urbano, a Praça da Paz rompe com processos históricos de apagamento social e reafirma o direito das populações periféricas à memória, à visibilidade e à vida.

Percebe-se que, através de um espaço de educação informal, inclusivo, e de resistência, como o da Areninha, transforma-se uma região marcada pela violência em possibilidade de criação de uma ressignificação através da cultura e da educação. Na Areninha também se trabalha com reforço escolar, como no *Projeto Nenhum a Menos*, uma alfabetização para as crianças que têm dificuldade de aprendizado nas escolas: “[A]s crianças aqui ficam muito tempo sem aula devido a operações policiais, ou sei lá, a escola faltou luz, faltou água. E aí, a Areninha também tenta dar um reforço escolar nesse sentido” (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024). Além disso, há aulas de capoeira, skate, percussão, atividades que desenvolvem o lado motor e o corpo das crianças. L. F. Cunha explica ainda que as crianças saem da escola e vão direto para a Areninha, pois sabem que sempre haverá uma atividade para participarem, possibilitando que os educadores acompanhem a trajetória e desenvolvimento de cada um, até se tornarem jovens. Por exemplo, atualmente os jovens são encaminhados para um pré-vestibular em outras instituições que têm parceria com a Areninha, localizadas dentro da Maré, como também o *Projeto Nenhum a Menos*.

Assim, através da narrativa da entrevistada, percebe-se que o Projeto da Areninha parte de dentro do território, daquilo que tem sentido e valor simbólico para a comunidade, desafiando as narrativas hegemônicas, resgatando referências da história local, estimulando a reflexão dos moradores e incentivando seu engajamento, o que contribui para o fortalecimento das suas identidades. Ao analisar a falta de visibilidade ou o silenciamento das histórias e memórias de pessoas comuns, periféricas e vulneráveis, percebe-se que, muitas vezes, seus espaços de memória são ignorados ou esquecidos (Nora, 1993). No entanto, esses lugares carregam saberes próprios, resultantes de práticas sociais e culturais específicas. Dessa forma, essas memórias e narrativas contra-hegemônicas possibilitam que os indivíduos se reconheçam como sujeitos históricos, inseridos em contextos culturais e temporais específicos (Sarlo, 2007).

Desconstruir a visão colonial eurocentrada e compartilhar noções de pertencimento a uma comunidade ou grupo social afrodescendentes são passos essenciais para a construção de uma cidadania ativa e para a reinvenção de sociedades mais democráticas. Esse estudo propõe uma abordagem dos lugares de memória a partir do “giro decolonial” – conceito formulado por Maldonado-Torres, Bernardino-Costa e Grosfoguel (2018), que se refere a um movimento de resistência teórica, prática, política e epistemológica contra a lógica da modernidade/colonialidade.

Percebe-se que o discurso da entrevistada vai ao encontro de uma visão decolonial, rompendo com uma visão elitista. Buscar as identidades e o pertencimento dentro do próprio território no qual a maioria é preta e parda, faz com que a Areninha promova um saber próprio e original. Esta estratégia rompe com a imposição de uma hierarquização racial e étnica da população mundial, fornecida como alicerce desse sistema colonial de dominação. Essa lógica se manifesta em todas as esferas da vida social, tanto nas dimensões materiais quanto nas subjetivas, influenciando o cotidiano e a organização da sociedade (Quijano, 2000).

Para Nora (1993), os lugares de memória são potencialmente transformadores das nossas subjetividades e são a memória viva, já que não têm só a intenção de guardar a memória, mas de construí-la, transmiti-la e potencializá-la. Assim, os sujeitos podem e devem construir memórias e narrar histórias contra-hegemônicas (Gramsci, 1977) que podem fortalecer identidades nas comunidades e/ou grupos nos quais se inserem.

Através do diálogo entre imagens e história oral, é possível reconhecer as várias camadas da Areninha e do território da Maré. Segundo o depoimento de L. F. Cunha, esta pesquisa lhe possibilitou (re)perceber esse território e entender mais sobre o seu lugar de memória na cidade e sobre sua própria trajetória de vida.

Este estudo propõe reflexões e diálogos entre os teóricos decoloniais e os estudiosos da memória, com destaque para Sarlo (2007) e Ricoeur (2007). Defende-se a importância de que os moradores locais e anônimos assumam um papel central na construção de memórias contra-hegemônicas, pois essas narrativas não apenas representam o outro, mas também possuem um grande potencial educativo, funcionando como guardiãs e difusoras das culturas e ideologias de diferentes grupos sociais. As memórias têm o poder de construir percepções sobre “nós e os outros”, promovendo um constante jogo entre identidades e alteridades, seja para reforçar discursos dominantes, seja para fortalecer resistências.

Esses saberes e lembranças são preservados e transmitidos por meio das redes educativas do cotidiano, pelos *modos de fazer* a cidade (Certeau, 1994), dos quais pode ser exemplo o Projeto da Areninha no Complexo da Maré. Conforme ressalta Certeau (1994), o poder disciplinador, panóptico, é driblado, por meio de apropriações astutas, por trilhas, por habitantes anônimos, fazendo com que os modos de uso da cidade sejam difíceis de serem regulados, operando-se, assim, a “antidisciplina”. Para Certeau (1994), a antidisciplina é o conjunto de táticas cotidianas usadas para lidar com sistemas de controle impostos. Enquanto a disciplina organiza e vigia comportamentos (como regras da escola, da cidade ou do trabalho), a antidisciplina opera de forma criativa e discreta dentro dessas estruturas. Aparece nas pequenas “maneiras de fazer” – improvisos, desvios, jeitos próprios de usar o que foi planejado por outros. Mesmo sem poder formal, os indivíduos reinventam o uso das normas e espaços, produzindo resistência no dia a dia, como observa-se na Maré.

Assim, resgatar memórias periféricas, frequentemente negligenciadas pelas elites, torna-se uma necessidade jurídica, moral e política (Sarlo, 2007). É no ambiente cultural e educativo que as memórias periféricas encontram espaços de resignificação, emergindo por meio de fissuras do poder hegemônico. Muitas vezes, essas memórias foram silenciadas por interesses das classes dominantes, mas seu resgate se impõe como um dever (Sarlo, 2007) em favor das populações historicamente marginalizadas, como

afrodescendentes e povos indígenas, moradores da Maré. Dessa forma, esta pesquisa estuda e viabiliza a construção de memórias das pessoas comuns, que, conforme Ricoeur (2007), são as mais justas. Esse resgate possibilita o fortalecimento de identidades subalternizadas, historicamente invisibilizadas pelo poder dominante. Ao dar voz a essas narrativas, promove-se o empoderamento de outras formas de existência, conhecimento e poder, valorizando histórias e memórias contra-hegemônicas.

Em relação à estrutura do espaço, Larissa F. Cunha explica que a Areninha tem um cinema e a Biblioteca Jorge Amado, e que estes locais são núcleos em que os educadores promovem incentivo à leitura para as crianças. Na Areninha, as crianças se sentem confortáveis, pois têm acesso a banheiro, ar-condicionado e à internet e, sobretudo, a educadores comprometidos e afetuosos. L. F. Cunha testemunha que as crianças se sentem muito acolhidas e ocupam o espaço, como uma extensão da casa delas, pois moram próximo do local. Percebe-se que as crianças na Areninha são cuidadas e protegidas da vulnerabilidade da rua na hora que seus pais estão trabalhando, podendo vivenciar a infância com mais segurança, harmonia e acolhimento.

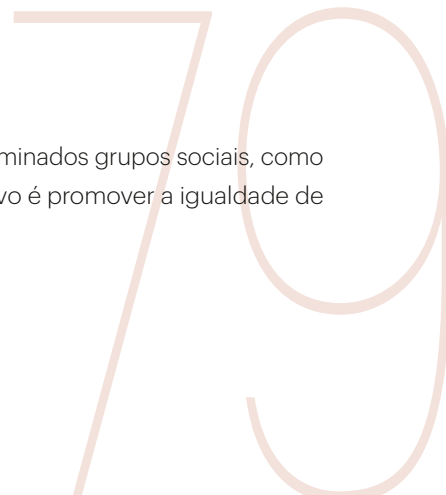
Em relação ao paisagismo, na Areninha há ainda jardins. É um espaço bem arborizado, onde se pode ouvir o canto de passarinhos. Há a divisão da coleta do lixo: orgânico, plástico, etc. “Então, agora a gente pega assim as cascas de fruta, quando sobra de lanche, e coloca pros passarinhos que ficam ali. Aí, tinha uma família de papagaio, periquito, enfim. Não é todos os espaços de favela que a gente consegue ouvir passarinho cantando e olhar assim”, diz Larissa. F. Cunha.

Em relação aos sons do espaço, ela lembra do gorjear dos pássaros e da gritaria das crianças. Já em relação ao cheiro, o que mais se recorda é o do cafezinho: “Ah, o cheiro pra mim, eu vou falar, é o cheiro do café. Tipo, ah, beber um cafezinho, essa coisa de conforto, [...] o cheiro, assim, que eu mais gosto de sentir dentro da Areninha é quando eu sei que está passando um café” (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024).

Percebe-se que os trânsitos das memórias, que pelas corporeidades se processam e são trazidas à superfície, são muito pessoais, autobiográficos, mas não se pode deixar de pensar que são também memórias de uma comunidade e de um modo de ser de seu tempo na Maré. Como lembra Martins (2021, pp. 77-78), essas práticas, habitam o âmbito mais íntimo das relações sociais e das subjetividades dos indivíduos que as formam e as praticam, em todos os espaços e contextos de inter-relações, uma concepção de tempo espiralar.

L. F. Cunha explica que mesmo hoje com as cotas raciais^{3.)} de inclusão nas universidades, poucos indivíduos da Maré têm acesso a essa informação:

^{3.)} As cotas universitárias são políticas públicas que reservam vagas para estudantes de determinados grupos sociais, como negros, indígenas, pessoas com deficiência e estudantes de escolas públicas. O seu objetivo é promover a igualdade de oportunidades e combater a desigualdade social e racial.



Dentro da favela poucas pessoas sabem o que é uma cota na universidade. Não chega esta informação dentro da favela de que a universidade também pode abraçar eles. Então antes da gente pensar em cota, a gente tem que pensar como aquele jovem dentro da favela vai conseguir terminar o ensino médio. Não adianta a gente promover cotas nas universidades se o jovem não consegue ter acesso à educação básica, sabe? E se a UERJ também não tivesse dado esses acessos todos de cota, de bolsa permanência, eu não estaria terminando minha graduação. Então a UERJ, com essas implementações de permanência, ela ajuda sim o jovem de favela a permanecer numa faculdade e não ter a necessidade de procurar um outro emprego. Poucos jovens da favela sabem dessa informação (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024).

Neste sentido, para a entrevistada, a Areninha tem como um dos objetivos incentivar os jovens a romper essa barreira, estimulando que busquem ingressar nas universidades e se sintam valorizados: “É importante você fazer um pré-vestibular, por mais que você não passe de primeira, a gente tenta depois de novo, e de novo, e de novo. Mas que sabe, tipo, é uma bolha [...] É uma bolha, é uma bolha terrível que a gente enfrenta cotidianamente” (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024).

A entrevistada ressalta ainda que a Areninha é um espaço da Prefeitura, um espaço público, mas quem faz a cogestão dela é a “Redes da Maré”, uma instituição social dentro da Maré que promove diversas atividades e é dividida por eixos temáticos. Ela explica que a Areninha faz parte do eixo de arte, cultura, memória e identidade, que é o eixo em que ela trabalha. A instituição “Redes da Maré” também dá suporte à saúde e apoio jurídico.

E aí, eu vi como que, de fato, a gente tem que trabalhar a partir do território. Por exemplo, as outras Areninhas têm um funcionamento totalmente diferente, porque a prefeitura que faz a gestão delas. Que é a prefeitura que contrata as pessoas que vão trabalhar. A da Maré já não. A da Maré, a gente contrata pessoas do território, promove coisas pro território. Então, a prefeitura dá essa cogestão pra Redes da Maré, pra Areninha não fechar, né? Não virar um espaço abandonado. E aí, a Redes pega e atua e promove essas coisas de arte-educação. A gente trabalha com as pessoas da comunidade, porque a cidade [moradores fora da Maré] não entra dentro da favela, sabe? Não entra dentro da Maré [...] por ser considerado área de risco. A gente lida com as mesmas pessoas todos os dias, sabe? Nosso público é o mesmo todos os dias. As crianças, os responsáveis das crianças e as escolas ao redor, os moradores, não é pessoas que moram, sei lá, no centro, na zona sul, né? Não são essas pessoas (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024).

Na Areninha opera-se também um projeto antirracista, pois se atua na valorização de biografias de lideranças pretas, como Marielle Franco^{4.)}, e na promoção de pautas caras à cultura afro-brasileira, como a música, o cinema e a capoeira.

^{4.)} Marielle Franco, nascida em 27 de julho de 1979, foi uma socióloga, vereadora do Rio de Janeiro e ativista pelos direitos humanos, especialmente das mulheres, negros e da comunidade LGBTQIA+. Eleita pelo PSOL em 2016, tornou-se símbolo da luta contra a violência policial e as desigualdades sociais no Brasil. Ela foi assassinada em 14 de março de 2018, aos 38 anos, em um atentado a tiros no centro do Rio de Janeiro (ANF, 2022).

As fontes de memória, orais e visuais, fazem parte da metodologia deste texto, da discussão da problemática dos usos presentes do passado na história. Mauad (2018) lembra que se enfatiza a história da memória de grupos sociais ou de indivíduos, bem como a lógica da produção de registros visuais, orais e/ou escritos que se organizam para “fazer” história, dentro de uma perspectiva intertextual. A noção de intertextualidade implica a concepção de que a textualidade (produção textual como produção de sentido) de um período é composta por diferentes tipos de textos que se relacionam entre si, buscando o elemento significativo que fornece sentido à tessitura de imagens e palavras (Mauad, 2018, p. 33).

Dentro desta metodologia intertextual, apresentam-se as fotografias coletadas pela entrevistada.



Figura 1: Entrada da Areninha Cultural Hebert Vianna, Maré, Rio de Janeiro, 2023.
Fonte: Acervo particular

Nesta imagem observa-se a fachada, com o portão de entrada da Areninha. Este portão é o principal acesso por onde as crianças entram para realizar as suas atividades. No fundo da imagem, pode-se ver as casas de tijolo. O azul e branco predominam na fachada. Já anteriormente, quando era uma Lona Cultural, preponderavam o branco e verde.



Figura 2: Biblioteca Municipal Jorge Amado, 2022.

Fonte: Acervo particular

Nesta imagem, observa-se a “Biblioteca Municipal Jorge Amado”, escritor baiano homenageado. A fachada tem tons de branco e cinza. Larissa F. Cunha lembra que, além de livros, as crianças também têm acesso ao computador e à internet. Ela ressalta que a bibliotecária é a Sandra Cristina, que é do território da Maré e está na equipe da Areninha há muito tempo. Através do vidro das portas, pode-se ver o interior, com mesas, cadeiras, estantes com livros. Há um diálogo entre interior e exterior, apesar da porta fechada.



Figura 3: Cine Rabiola, Biblioteca Jorge Amado, 2024.

Fonte: Acervo particular

Nesta imagem, observam-se as crianças assistindo a um filme no “Cine Rabiola”. Dá para sentir o quanto estão confortáveis e interessadas nas atividades.



Figura 4: Mapa do Complexo da Maré, 2024.

Fonte: Acervo particular

Nesta imagem, observa-se a bibliotecária Sandra Santos, trabalhando com o mapa do Complexo da Maré:

É o mapa da Maré ao todo. Dentro da Areninha tem esse mapa, né? Da Maré e que também pega um pouquinho da cidade. Então, você chega lá, você consegue saber onde que a Areninha fica localizada, onde que você mora, quais são, de fato, os nomes das favelas. Porque é isso, a Maré tem dezesseis favelas dentro da Maré. [...] E poucas pessoas às vezes sabem disso. Então, a galera chega lá, a gente apresenta o mapa e fala: “onde você mora? Você mora aqui? (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024).



Nesta imagem, observa-se a oficina de yoga com a turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) para mulheres. Com esta imagem pode-se ver que a Areninha também tem o Projeto de Educação de Jovens Adultos, estimula e empodera as mulheres da comunidade através desta atividade.

Nesta imagem, observam-se as crianças entretidas na Exposição Passa a Visão. Segundo a entrevistada, foi a primeira exposição para inaugurar o espaço Galeria "Bira Carvalho". Bira Carvalho foi um fotógrafo da Maré que faleceu recentemente, há dois anos. Segundo, L. F. Cunha, "com a reinauguração da Areninha, a gente usou pra homenagear ele, né. O espaço como homenagem de exposição de fotos mesmo" (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024).

Figura 5: A oficina de yoga da Areninha, 2024.

Fonte: Acervo particular.



Figura 6: Galeria "Bira Carvalho", Exposição *Passa a Visão*, fotografias da *Maré de Notícias*, s/d.

Fonte: Acervo particular



Figura 7: Memorial dos mortos na Maré, práticas de cuidados com o espaço público na Praça da Paz, s/d.

Fonte: Acervo particular

Nesta imagem, pode-se ver o Memorial de vítimas mortas na Maré, incluindo muitas crianças. Os dois jovens aparecem cuidando do Memorial, percebe-se, então, que há a educação de estimular a prática de cuidado com o espaço público da Praça da Paz, com o território e com a própria memória.

É, aí é a Praça da Paz e aí é o memorial, você tá vendo? Dentro dessa coisa aqui tem escrito um monte de nome. E aí as crianças, eu com as crianças, [elas] ajudam né, a cuidar das plantas. Então a gente tava ali podando, varrendo o entorno né, e cuidando desse espaço que é uma extensão da Areninha também. Ela fica assim no muro de trás da Areninha. [Os mortos] não só de COVID, mas também de violência armada dentro da Maré, de pessoas que eram da Maré e que faleceram e que a família quis colocar o nome ali pra deixar uma lembrança (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024).



Figura 8: Oficina de Teatro do Professor Gustavo Luz, s/d.

Fonte: Acervo particular

L. F. Cunha também explica que o Professor Gustavo Luz ministra a “Oficina de Teatro”: “Gustavo Luz é um dos nossos oficineiros, né? Ele é formado em Teatro [...]. E aí é uma atividade que a gente tem fixa na Areninha, né. Que é esse trabalho do corpo, da responsabilidade, né. Que trabalha muito com crianças” (Cunha, comentário pessoal, 2024).

Assim, através do diálogo entre imagens e história oral, foi possível reconhecer as várias camadas da Areninha e do território da Maré. A entrevistada diz que (re)perceber este território, através desta pesquisa, possibilitou entender mais sobre o seu lugar de memória na cidade e sobre sua trajetória de vida.

Eu agradeço por você por ter trabalhado essa temática de trabalho. Eu acho que eu nunca conseguiria, né. Tipo, olhar pra Areninha assim dessa forma, né... Que a gente vive ali no cotidiano fazendo tantas coisas, vivendo apenas né, e promovendo as coisas, que a gente não para pra pensar o quanto que é importante o espaço, né? O quanto aquele espaço participou da nossa vida. O quanto aquele espaço nos construiu, né? Eu acho que se você não tivesse trabalhado esse tema, ter feito essa coisa do espaço de memória, eu nunca talvez pararia pra ver dessa forma, sabe? E é isso. O meu trabalho final da faculdade também vai ser sobre a Areninha, né. Sobre essa minha coisa de ser educadora, de promover atividade de arte-educação, né... De falar sobre a infância. Então, já me ajudou nessa construção, de trabalho final. E aí, é isso. Já é uma ferramenta muito importante pra minha [...] pro meu trabalho final (Cunha, comunicação pessoal, 19 de outubro de 2024).

É importante ressaltar que os documentos/monumentos da Areninha da Maré trazidos por L. F. Cunha, como as fotografias e os relatos autobiográficos, impregnam as memórias e as narrativas que vão construir a identidade do indivíduo, as suas subjetividades. O documento/monumento torna possível a capacidade de um novo olhar sobre a cidade, reformulando um novo sentido ao local. O corpo expressa os cheiros, odores, sons, plantas, árvores, movimentos de ir e vir, percepções que impregnam os espaços e ambientes da praça como portões de entrada e de irradiação das memórias. Esse engenhoso processo constitui o tecido de memória e faz história. Pollak (1989) e Ricoeur (2007) discutem as lembranças e os esquecimentos, ou seja, aquilo que escolhemos registrar e aquilo que optamos por abandonar.

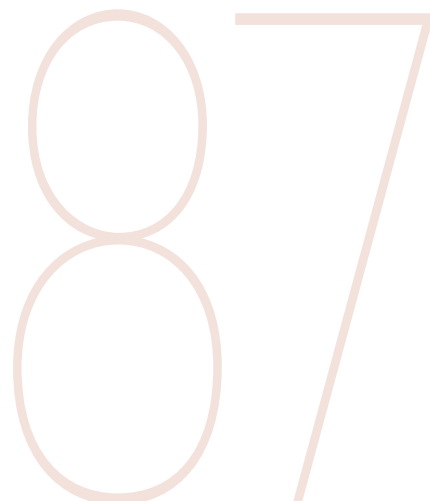
3. Considerações finais

Esse processo de construção da memória está em constante tensão com a história, pois são os esquecimentos que possibilitam a ressignificação e a reescrita do passado, permitindo sua renovação e transformação contínua (Ricoeur, 2007). Uma narrativa única tende a cristalizar discursos dominantes ou hegemônicos, repleta de símbolos e representações que perpetuam determinadas visões históricas. Segundo Hall (2003), a ideia de nação se constrói a partir de um conjunto de relatos, imagens e eventos que conferem significado à identidade nacional. Como membros de uma nação, é essencial que nos situemos dentro dessas narrativas, atualizando-nos nelas. Assim, valorizar e fortalecer as memórias locais pode contribuir para a construção de identidades e para a legitimação de processos sociais, promovendo identidades plurais. Essas identidades devem ser baseadas em conhecimentos diversos, oriundos de epistemologias alternativas, como as narrativas contra-hegemônicas. Dessa forma, essas abordagens podem ser ferramentas eficazes para refletir sobre uma memória coletiva mais plural.

Operou-se a divulgação e a potencialização do lugar de memória contra-hegemônico do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, no qual a moradora e usuária local Larissa F. Cunha foi protagonista, mediante suas lembranças e seus testemunhos autobiográficos. Os lugares percorridos fazem lembrar os fatos ocorridos no passado, e assim, contribuem para a construção de uma memória coletiva plural.

Agradecimentos

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) pela licença capacitação (PROCAD) concedida a mim, como Professora Associada desta Instituição, para a realização do meu pós-doutorado. Ao PPGH da Universidade Federal Fluminense, onde estou cursando o pós-doutorado. Ao Instituto de Comunicação da FCSH-NOVA, da Universidade Nova de Lisboa, onde fiz o estágio pós-doutoral.



Referências

- ANF (2022). *A vida e as batalhas de Marielle Franco*. Disponível em: <https://www.anf.org.br/a-vida-e-as-batalhas-de-marielle-franco/>
- Arfuch, L. (2010). *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. EdUERJ.
- Bernardino-Costa, J., Maldonado-Torres, N., & Grosfoguel, R. (Orgs.). (2018). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Autêntica.
- Certeau, M. (1994). *A invenção do cotidiano*. Vozes.
- Foucault, M. (2001). *Outros espaços*. Foucault, M. *Ditos e escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Forense Universitária.
- Gramsci, A. (1977). *Quaderni del carcere*. Einaudi Editori.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. UFMG.
- Martins, L. M. (2021). *Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela*. Cobogó.
- Mauad, A. M. (2018). Usos do passado e história pública: A trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (1982–2017). *História Crítica*, 68, 27-45. <https://doi.org/10.7440/histcrit68.2018.02>
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: A problemática dos lugares. *Projeto História*, 10, 7-28.
- Prefeitura do Rio de Janeiro. (2026). *Areninha Cultural Herbert Vianna*. Disponível em: <https://cultura.prefeitura.rio/espacos-culturais/arenas-e-areninhas/areninha-cultural-herbert-vianna/>
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15.
- Quijano, A. (2000). Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of World-Systems Research*, 11(2), 342–386.
- Redes da Maré (2026). *Memorial dos Mortos da Maré*. Redes da Maré. <https://www.redesdamare.org.br>
- Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. UNICAMP.
- Sarlo, B. (2007). *Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. Companhia das Letras. UFMG.